



REBENA

Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem

ISSN 2764-1368

Volume 8, 2024, p. 201 - 308

<https://reben.emnuvens.com.br/revista/index>

Histórias que estimulam o pensar

Stories that stimulate thinking

Narda Teles¹

Submetido: 15/03/2024 Aprovado: 15/04/2024 Publicação: 29/04/2024

RESUMO

Este artigo aborda a relevância da contação de histórias na educação, enfatizando seu potencial para desenvolver o pensamento crítico nos alunos. Através da análise de narrativas clássicas e contemporâneas, demonstra-se como as histórias provocam questionamentos filosóficos, estimulando a reflexão e o diálogo crítico. Exemplificando com o mito de Édipo Rei, o texto discute conceitos de liberdade e determinismo, explorando a complexidade das escolhas humanas frente ao destino. Argumenta-se que, além de fomentar a criatividade e a imaginação, a contação de histórias serve como ferramenta pedagógica para confrontar dilemas éticos e morais, preparando os estudantes para enfrentar desafios sociais. Conclui-se que criar espaços para narrativas na educação enriquece o aprendizado, promove a expressão individual e apoia a construção da identidade dos alunos, reiterando a importância de incentivar a leitura e a discussão crítica desde cedo no ambiente escolar.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Educação. Pensamento Crítico

ABSTRACT

This article addresses the significance of storytelling in education, emphasizing its potential to develop critical thinking in students. Through the analysis of both classic and contemporary narratives, it demonstrates how stories provoke philosophical inquiries, stimulating reflection and critical dialogue. Exemplifying with the myth of Oedipus Rex, the text discusses concepts of freedom and determinism, exploring the complexity of human choices in the face of destiny. It argues that, beyond fostering creativity and imagination, storytelling serves as a pedagogical tool to confront ethical and moral dilemmas, preparing students to face social challenges. The conclusion is that creating spaces for narratives in education enriches learning, promotes individual expression, and supports the construction of students' identities, reiterating the importance of encouraging reading and critical discussion from an early age in the school environment.

Keywords: Storytelling. Education. Critical Thinking.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. narda.telles@gmail.com

1. Introdução

O pensamento crítico, tão fundamental à formação cidadã, encontra-se numa crise sem precedentes. As escolas, em meio a essa realidade, mostram-se incapazes de desenvolver habilidades que possibilitem ao ser humano pensar sobre si e o mundo. Isso deve-se, em grande parte, ao fato de a educação, alinhada aos interesses do mercado global, preparar indivíduos primordialmente como mão-de-obra para o mercado de trabalho. Tal cenário dissemina um processo alienatório profundo na sociedade, tornando as pessoas incapazes de pensar criticamente sobre a realidade.

Diante dessa preocupante situação, surge a reflexão sobre o papel da contação de histórias - uma prática de ensino milenar. A contação de histórias, frequentemente relegada a um segundo plano, encerra em si a chave para reavivar os arquétipos que fornecem referências vitais, ensinam-nos a pensar a vida, a refletir sobre o mundo, a entender a nós mesmos, a imaginar novas possibilidades, a filosofar e a criar. Ao nos reconectarmos com essa tradição, abrimos caminho para uma educação mais rica e significativa.

Neste cenário, propomos investigar a contribuição da contação de histórias no desenvolvimento da criticidade dos sujeitos. É fundamental questionar: de que maneira a contação de histórias contribui à formação crítica? Esta questão ganha ainda mais importância diante das transformações tecnológicas atuais, que mediatizam as interações e tornam raros os encontros e trocas de experiências presenciais - o cerne da narrativa oral.

Defendemos, portanto, um retorno às raízes através da contação de histórias, pois elas são verdadeiras lições de vida. Entre suas metáforas residem memórias de comunidades antigas, capazes de despertar a curiosidade, a imaginação e o diálogo, tanto com a nossa própria cultura quanto com outras; ensinando-nos a raciocinar, refletir, criticar e exercer a cidadania de forma mais plena.

O objetivo principal deste artigo é, assim, analisar a contribuição da contação de histórias no desenvolvimento da criticidade do sujeito, partindo da premissa de que a modernidade atual bombardeia-nos com informações muitas vezes superficiais, desprovidas de significado profundo, de experiências enriquecedoras, de reflexões e de raciocínio lógico. Temos, portanto, os seguintes objetivos específicos:

1. Destacar a experiência de contar e ouvir histórias como um pilar para o desenvolvimento do pensamento crítico, oferecendo exemplos práticos e estudos de caso que ilustram essa dinâmica.
2. Examinar temas dentro das narrativas que convidam ao filosofar, evidenciando como determinadas histórias podem motivar reflexões profundas e críticas.

3. Refletir sobre como a contação de histórias pode fortalecer a formação crítica-reflexiva, reconhecendo, no entanto, suas limitações e desafiando possíveis críticas a essa abordagem.

Concluindo, frente à degradação da escola e ao fracasso da aprendizagem crítica, torna-se urgente buscar alternativas metodológicas que transcendam a mera alfabetização funcional. Esta pesquisa visa, portanto, enriquecer o acervo de materiais pedagógicos com didáticas capazes de promover uma educação mais humana e significativa, convidando educadores e alunos a uma imersão em processos educativos mais ricos e transformadores. Por meio de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica detalhada, esperamos oferecer insights valiosos para utilizar a contação de histórias como um instrumento potente no ensino do filosofar, contribuindo assim para a superação dos desafios atuais da educação.

1.1. O poder da experiência na contação de histórias

Contar histórias é uma prática tão antiga que sua origem se perde nas névoas do tempo. Educadores do passado, verdadeiros poetas das palavras, encantaram e educaram gerações através das narrativas orais. Por anos, a humanidade compartilhou sabedoria através dessas histórias. No entanto, como alerta Walter Benjamin em 1936 (1987, p. 01), com o avanço da modernidade, essa prática enfrenta o risco de extinção: “É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção.” Assim, a juventude atual tem se distanciado dos conhecimentos, reflexões, sabedorias e memórias milenares transmitidas pelos narradores.

No entanto, “contar histórias nos reconecta com forças potencialmente esquecidas, sabedorias que podem ter desvanecido e esperanças que se obscureceram” (MELLON, 2006, p. 13). Essa conexão resgata algo fundamental: o contato humano com a força criadora da linguagem. Numa era dominada pela internet e pelas redes sociais, é imperativo recuperar a interação social e a troca de experiências, ecoando nossos antepassados que contavam histórias ao redor das fogueiras ou no aconchego do lar. Essas narrativas sensibilizavam e educavam, uma prática que a velocidade da internet, infelizmente, não consegue replicar. A difusão rápida de informações pela internet muitas vezes impede a formação de relações profundas que cultivam a sensibilidade e a humanidade.

A contemporaneidade, paradoxalmente, promove a incomunicação e a solidão, conforme descrito por Boff (1999, p.11). “A tecnologia nos permite realizar uma miríade de atividades sem a necessidade de interações humanas diretas, criando um novo habitat caracterizado pelo isolamento. Perdemos o contato com a realidade concreta e suas sensações, um empobrecimento da experiência humana, onde significados profundos da existência que antes eram acessíveis através das trocas de conhecimentos orais, agora se encontram esquecidos.”

Diante deste cenário, alguns estudiosos defendem um retorno à experiência das narrativas orais no presente, como uma forma de reencontrar significado em um mundo cada vez mais des-

provido dele. Ouvir e contar histórias é uma prática que não apenas nos integra a um universo de sentidos mais amplo, mas também tem o potencial de nos tornar seres mais sensíveis e críticos, recuperando os significados que definem nossa humanidade. Este é o "reencantamento do mundo" que Michel Maffesoli (2001 apud BUSATTO, 2007, p.12) vislumbra para o século XXI, uma revolução cultural e social necessária para enfrentarmos os desafios de um mundo adoecido e acrítico.

1.2. O valor das narrativas no despertar da imaginação

O despertar da imaginação no ouvinte é, sem dúvida, um elemento essencial à própria existência humana. A imaginação é a forja de todo conhecimento, a partir da qual se inventa e se cria. Como Marilena Chauí (2000, p. 170) eloquentemente descreve, “a imaginação criadora, que engendra o novo nas artes, nas ciências, nas técnicas e na Filosofia, depende de uma sinergia de elementos afetivos, intelectuais e culturais para que algo novo possa surgir, existindo primeiramente como uma imagem prospectiva ou uma possibilidade aberta.”

As narrativas nos transportam por um caminho repleto de descobertas, imagens e sensações, que constituem o núcleo da criação artística e científica. Elas mantêm viva a chama que alimenta a imaginação, essencial num mundo cada vez mais automatizado. Gaston Bachelard (1993, p. 18) ressalta que com a poesia — e, por extensão, com todas as formas de narrativa —, a imaginação se coloca "na margem em que precisamente a função do irreal vem arrebatá-la ou inquietá-la — sempre despertar — o ser adormecido nos seus automatismos".

Neste contexto, a contação de histórias surge como uma ferramenta crucial para despertar o ser humano do automatismo. Segundo Walter Benjamin, a raridade da arte narrativa em nossa época e a prevalência da difusão de informação cotidiana contribuem para esse adormecimento (BENJAMIM, 1987). Ao substituir a inundação de informações triviais por narrativas ricas e significativas, podemos reavivar a imaginação crítica, essencial para um questionamento e diálogo profundos.

Ouvir histórias permite experimentar um momento lúdico, prazeroso e reflexivo, despertando curiosidade, questionamento e diálogo. A prática pedagógica da contação de histórias, embora frequentemente associada às crianças, é igualmente vital para jovens e adultos. Bia Bedran (2012) destaca que a criança exposta regularmente às histórias não apenas desperta sua imaginação criadora, mas também dialoga com a cultura que a circunda, exercendo assim sua cidadania.

Diante da falência educacional e da lacuna no aprendizado dos alunos, aulas que despertem significado se tornam cruciais. As narrativas orais podem ser grandes aliadas neste processo, estimulando novas perspectivas e desenvolvendo, de forma lúdica, o desejo pelo conhecimento e o envolvimento em transformações positivas. A narrativa, conforme discutido por Gilka Girardello (2003, p.7), “é conceitualmente ligada à imaginação por meio do desejo, especialmente o

desejo de conhecimento, evidenciado pela contínua curiosidade sobre o que virá a seguir, uma habilidade magistralmente explorada por Scherazade. ”

1.3. A capacidade das histórias em estimular a criticidade

O papel das narrativas escritas, descendentes das narrativas orais, é crucial no desenvolvimento do pensamento reflexivo-crítico. A leitura, conforme destacado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é uma ferramenta fundamental na formação do ser humano, pois vai além da simples compreensão, promovendo o exercício do pensamento. Conforme enfatizado: "...para tornar os discentes bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura – a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender), requer esforço" (BRASIL, 1997).

Nesse contexto, histórias se apresentam como meio eficaz para mobilizar o interior dos indivíduos. Resgatar livros e histórias esquecidos pode reacender o encantamento, estimular a imaginação, incentivar o prazer pela leitura e o pensamento crítico. Num mundo cada vez mais alienado, refletir sobre o mundo se faz indispensável, ressaltando a necessidade do papel filosófico. A filosofia, definida por Feitosa (2004, p. 12) como 'amor pelo saber', caracteriza o filósofo “não como um detentor de certezas, mas como alguém em constante busca por conhecimento. ”

Esta incessante busca por conhecimento encontra um terreno fértil nas narrativas. Apesar de, em sua essência, as histórias frequentemente explorarem o fantasioso, oposto à razão pura da filosofia, as metáforas presentes nas narrativas carregam em si um universo de sabedorias, questionamentos e reflexões que podem estimular o filosofar. Histórias foram criadas não apenas para entreter, mas também para promover a reflexão sobre valores e conceitos fundamentais, além de auxiliar na resolução de conflitos internos e externos, conforme elucidado por Abramovich (1997, p. 17): "[As histórias] são também uma possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções..."

Deste modo, as narrativas podem ser instrumentos valiosos na abordagem de questões existenciais que impactam estudantes, contribuindo para a construção de uma convivência harmoniosa na sociedade, fundamentada em regras, normas, princípios e valores. Como Porfírio (2022) destaca, os valores morais funcionam como um "código de conduta" essencial para a integração social e o respeito à individualidade e aos direitos humanos. Contudo, a necessidade de reflexão e reavaliação desses valores é premente, especialmente diante da atual crise ética que ameaça nos conduzir à barbárie pela falta de entendimento do que é certo e errado.

Portanto, a educação através das narrativas assume um papel fundamental não apenas na construção do saber, mas também na formação de indivíduos críticos e éticos, capazes de julgar e adaptar os valores morais às necessidades da sociedade contemporânea, evitando assim a deterioração dos princípios que sustentam a vida em comunidade.

1.4. Conhecendo a história de Édipo Rei

A narrativa de "Édipo Rei" apresenta uma trama intrincada que se desenrola na cidade de Tebas, assolada por uma peste devastadora. O rei Laio, preocupado com o bem-estar de seu povo, consulta o oráculo de Delfos, recebendo uma profecia aterradora: seu recém-nascido filho, Édipo, seria o responsável por sua morte e casaria com sua mãe, Jocasta. Tomado pelo medo, Laio ordena que Édipo seja abandonado para morrer. Contudo, o destino intervém quando um pastor encontra o bebê e o leva para Corinto, onde Édipo é adotado e criado como filho pelos reis Pólipo e Mérope.

À medida que cresce, Édipo se depara com rumores sobre sua origem e decide consultar o mesmo oráculo de Delfos, recebendo a terrível profecia de que mataria seu pai e desposaria sua mãe. Determinado a evitar tal destino, Édipo foge para Tebas. No caminho, envolve-se em uma disputa fatal com um homem desconhecido, seu verdadeiro pai, Laio. Em Tebas, Édipo resolve o enigma da Esfinge e, como recompensa, torna-se rei e casa-se com Jocasta, sem saber que ela é sua mãe.

O reino de Tebas prospera até que uma nova praga aflige a cidade. A investigação para encontrar a causa revela a terrível verdade sobre Édipo. Horrorizado, ele cega a si mesmo e impõe seu próprio exílio, guiado por sua filha Antígona até sua morte.

2.5. Pensando filosoficamente a história de Édipo Rei

A trágica história de Édipo levanta questões filosóficas profundas sobre liberdade, escolha e destino. Será que Édipo teve alguma liberdade ao matar seu pai e casar com sua mãe? Ele deveria ser culpado por atos preditos pelo destino, sobre os quais ele não tinha conhecimento ou controle? Essas indagações nos conduzem a uma reflexão mais ampla sobre a natureza da liberdade humana e nossa responsabilidade por nossas ações.

A teoria da Liberdade, associada a John Stuart Mill, defende o livre arbítrio, argumentando que as pessoas têm a capacidade de fazer escolhas independentes. Sob esta visão, Édipo seria responsável por suas ações, mesmo que estas tenham sido profetizadas. Em contrapartida, a teoria do Determinismo, com a qual Jean-Paul Sartre contribuiu significativamente, sugere que nossas escolhas são influenciadas por causas anteriores, circunstâncias além de nosso controle consciente, levantando dúvidas sobre o verdadeiro alcance de nossa liberdade.

Essa dialética entre Liberdade e Determinismo é central para a filosofia. A teodiceia, ou o problema do livre-arbítrio em um mundo governado por um ser onisciente, e as questões levantadas pelo desenvolvimento científico moderno sobre o determinismo das leis naturais, desafiam nossa compreensão da liberdade humana. Como destaca Godoy (2022), à medida que avançamos no conhecimento científico, surgem questionamentos sobre a natureza voluntária de nossas ações.

A história de Édipo, portanto, não apenas captura a imaginação com seu drama e tragédia, mas também serve como um rico veículo para a exploração de conceitos filosóficos fundamentais. Nos convida a ponderar sobre a complexidade da condição humana, a interseção entre destino e escolha livre, e o peso da responsabilidade que carregamos por nossas ações, voluntárias ou não. Ao refletir sobre a história de Édipo, somos levados a questionar as próprias fundações de nossa liberdade e responsabilidade, desafiando-nos a considerar a profundidade de nossa autonomia em moldar nossos destinos.

2. CONCLUSÃO

Este trabalho explorou a importância das narrativas no estímulo ao pensamento crítico dos estudantes, destacando a contação de histórias como uma ferramenta pedagógica valiosa. A análise conduzida reforça a ideia de que as narrativas oferecem um material rico para o despertar da reflexão crítica. As jornadas e desafios enfrentados pelas personagens nas histórias propiciam questionamentos profundos, que são essenciais para o desenvolvimento humano e estimulam a reflexão filosófica sobre questões fundamentais da existência.

As narrativas apresentam grandes temas que contribuem para a formação de uma sociedade mais criativa, reflexiva e consciente. Elas transformam o pensamento reflexivo em desafios intelectuais significativos, incentivando a busca por soluções inovadoras para os problemas que enfrentamos. Nesse processo, novas questões emergem, fomentando uma reflexão contínua sobre a vida e suas complexidades. Assim, ao promover a leitura por meio da contação de histórias, o educador está não apenas incentivando o hábito da leitura, mas também pavimentando o caminho para o desenvolvimento do pensamento filosófico entre os alunos.

Portanto, ressalta-se a importância de a escola criar espaços dedicados à narrativa, que estimulem o encantamento pela literatura e enriqueçam intelectualmente os estudantes. Esses espaços devem favorecer a troca de experiências e o diálogo, contribuindo para o processo de aprendizagem. Ao fazê-lo, possibilita-se que os estudantes afirmem sua identidade, explorem caminhos de protesto e liberdade, e articulem suas argumentações, abrindo caminho para a expressão autêntica do pensamento e da voz individual.

Em suma, este estudo destaca o papel fundamental da contação de histórias na educação, não apenas como um método de ensino, mas como uma prática enriquecedora que prepara os alunos para enfrentar o mundo de maneira crítica e reflexiva. Investir na contação de histórias é, portanto, investir no potencial transformador da educação, capacitando os alunos a compreenderem e questionarem o mundo ao seu redor, enquanto moldam um futuro mais consciente e questionador.

Referências

ABRAMOVICH, Fany. Literatura Infantil: Gostosuras e bobices. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BEDRAN, Bia. A arte de cantar e contar histórias: Narrativas e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano — compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUSATTO, Cléo. A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis: Vozes, 2007.

CHAUI, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 2000.

FEITOSA, Charles. Explicando a filosofia com arte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GIRARDELLO, Gilka. Voz, Presença e Imaginação: A Narração de histórias e as crianças pequenas. Artigo apresentado no 26º Anped, 2003.

GODOY, William. Liberdade e Determinismo. Disponível em: <https://filosofianaescola.com/metafisica/liberdade-e-determinismo/>. Acesso em: 26 jul. 2022.

MELLON, Nancy. A arte de contar histórias. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

PORFÍRIO, Francisco. Valores morais e sua importância para a sociedade. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/valores-morais-sua-importancia-para-sociedade.htm>. Acesso em: 11 fev. 2022.